Projeto de Voto n.º 586/XIV/2.ª

De Saudação pelos profissionais que socorrem os migrantes que tentam chegar a solo europeu

Nos primeiros dias da semana passada, mais de 8.000 cidadãos/ãs marroquinos/as, entre eles 800 menores, conseguiram entrar ilegalmente em Espanha, na cidade de Ceuta. Enquanto milhares de pessoas foram devolvidas, outras aguardam respostas e pedem para não regressar.

Sem dinheiro, comida, abrigo ou forma de comunicar com os familiares, agarram-se à esperança de poderem ficar num país diferente do seu, do qual fugiram por medo, insegurança e risco de perderem a própria vida. Para fugirem de condições tão difíceis que as levam a correr outros riscos de vida, na tentativa quase impossível de encontrarem um futuro melhor, com acesso a direitos universais como a saúde, a educação e o emprego, que já não conseguem encontrar nos seus países de origem.

Todos os anos morrem centenas de migrantes no mar mediterraneo para fugirem de contexto de guerra, pobreza, violência, de vidas sem esperança. Os dados da OIM registam, em 2020, a morte ou desaparecimento no mar de 2300 migrantes que tentavam chegar a solo europeu.

Vemos estas imagens que nos entram no conforto das nossas casas e não podemos deixar de sentir o terror destas pessoas e daqueles que deixaram para trás. São imagens que, repetindo-se, não nos podem dessensibilizar nem transformar a nossa empatia numa indiferença mais fria que a água do mar . Não podemos olhar para o lado, não querendo ver, quando diariamente morrem pessoas, nomeadamente crianças, que sem culpa de nada apenas tentam sobreviver.

Não é suposto ninguém ter de fugir do seu país, arriscar contra todas as possibilidades a sua própria vida, só porque nasceu no lugar errado, só porque vive no meio de conflitos que não tem poder para alterar. Sabemos que este combate tem de se fazer na origem, mas este não pode ser o argumento para ficar indiferente a cada uma destas vidas e para não trabalharmos em respostas conjuntas com os demais países da União Europeia.

No meio de tanto sofrimento, cansaço, medo, e dor, perante um cenário que trará quase por certo a morte ou o regresso ao país de onde fugiram, surgem atitudes que nos relembram e nos convocam ao que realmente somos: pessoas humanas, solidárias e empáticas com o sofrimento dos outros, momentos onde a humanitude fala mais alto do que qualquer barreira política, económica, geográfica, religiosa ou social.

Num cenário tão trágico como o que vivem todos os migrantes que atravessam o mediterraneo, onde se vivem dilemas humanos tão graves, surgem atitudes como as da socorrista espanhola da Cruz Vermelha, Luna Reyes, que não ficou indiferente à dor dos migrantes, em particular de um imigrante senegalês que pedia auxílio, e apenas o abraçou, talvez o melhor auxílio que lhe era possível dar, o mais humano auxílio que este cidadão poderia ter. Um momento onde todas as barreiras se romperam num abraço e nos recorda que o direito ao respeito do outro é um direito humano. Atos que alas extremistas repudiam porque apenas querem aumentar o ódio e a discriminação, mas esta crise, com todo o seu lado negativo, tem trazido outros atos de empatia e humanidade, como o de um agente da guardia civil espanhola que evitou o afogamento de um bebé que caiu ao mar.

São estes profissionais e estes atos que nos dão a esperança de que seremos capazes de ouvir o grito de socorro destas pessoas, de exigir que se faça tudo ao nosso alcance para que a migração nestas condições deixe de ser uma realidade, exigindo dos decisores políticos esta responsabilidade e a mesma empatia que vemos nestes profissionais.

Assim, a Assembleia da República, reunida em Sessão Plenária, aprova um voto de saudação aos profissionais que têm prestado socorro aos migrantes que têm chegado a Ceuta, particularmente a socorrista Luna Reyes, pelo gesto simbólico de apoio a um migrante.

Palácio de São Bento, 26 de maio de 2021,

As deputadas e o deputado

André Silva

Bebiana Cunha

Inês Sousa Real